Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

PRODUÇÃO DE SENTIDOS: A DILUIÇÃO DA HUMANIDADE E POLÍTICAS INCORPORADAS

SENSES OF PRODUCTION: THE DILUTION OF HUMANITY AND POLICIES INCORPORATED

PRODUCCIÓN DE LOS SENTIDOS: LA DILUCIÓN DE LA HUMANIDAD Y POLÍTICAS INCORPORADAS

Alice Maria Corrêa Medina
Universidade de Brasília – UnB, Brasília/DF, Brasil

Resumo

Diante dos desafios atuais, é preciso atender a uma convocação pela vida, baseada na descolonização de sentidos corporais, sociais e políticos. Este texto tem como objetivo discutir sobre os processos de produção de sentidos, relacionados aos corpos hegemonicamente esculpidos e as possibilidades da pessoa humana, no desenvolvimento de si mesma, como um direito de existência. Destarte, considerar o corpo como uma forma de manifestação política é localizar, também, uma estrutura elementar na qual é tecida as redes culturais e sociais, no desenho político, de um Estado-Nação. Considerando historicamente um passado, baseado na existência de corpos humanos que produziram a morte, no futuro haverá corpos mecânicos mais *humanizados* promovendo a vida?

Palavras-chave: Produção de Sentidos; Humanidade; Política.

Abstract

Faced with current challenges, it is necessary to respond to a call for life, based of the decolonization of bodily, social and political senses. This text aims to discuss the processes of production of senses, related to hegemonically sculpted bodies and the possibilities of the human person, in the development of himself, as a right of existence. Therefore, considering the body as a form of political manifestation also means locating an elementary structure in which the cultural and social networks are woven, in the political design, of a Nation-State. Considering historically a past based on the existence of human bodies that produced death, will there be more *humanized* mechanical bodies promoting life in the future?

Keywords: Senses of Production; Humanity; Politics.

Resumen

Dados los desafíos actuales, es necesario cumplir con un llamado a la vida, basado en la descolonización del cuerpo, los sentidos sociales y políticos. Este

MEDINA, Alice Maria Corrêa. PRODUÇÃO DE SENTIDOS: A DILUIÇÃO DA HUMANIDADE E POLÍTICAS INCORPORADAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-19, setembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

texto tiene como objetivo discutir los procesos de producción de significados, relacionados con los cuerpos hegémricamente tallados y las posibilidades de la persona humana, en el desarrollo de sí mismo, como un derecho de existencia. Por lo tanto, considerar el cuerpo una como forma de manifestación política es también ubicar una estructura elemental en la que se tejen las redes culturales y sociales, en el diseño político, de un Estado-Nación. ¿Considerando históricamente el pasado, basado en la existencia de cuerpos humanos que han promovido la muerte, en el futuro habrá cuerpos mecánicos más *humanizados* promoviendo la vida

Palabras clave: Producción de significados; Humanidad; Política.

Introdução

> A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola, também, nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz.
>
> (Ferreira Gullar, Corpo a corpo com a linguagem, 1999).

Reiterando que o exercício de buscar os argumentos e as possíveis justificativas sobre determinados comportamentos, não significa de forma alguma concordar com as lógicas e ações cometidas. A pesquisa, baseada no filme, busca promover reflexões sobre os dispositivos, objetivos e subjetivos que edificam os pensamentos e as ações a partir de reflexões relativas à produção de sentidos sobre os fenômenos na criação de valores, crenças e comportamentos pelos sujeitos que vivem e produzem o mundo.

Segundo o Dicionário Aurélio compreender significa “perceber, alcançar as intenções ou o sentido de algo”, portanto, não denota concordar com os argumentos e comportamentos observados. O exercício da compreensão envolve perceber, conhecer e raciocinar sobre os objetos e/ou fenômenos, intentando obter informações sobre as estruturas de origem relacionadas as consequências observadas.

Este texto apresenta algumas reflexões, baseadas nas leituras e estudos publicados, a partir da proposição de um movimento de transformação em relação

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

a concepção sobre o corpo ressaltando a importância de debates sobre a produção dos sentidos corporais. Considerando a necessidade de um avanço do debate, em relação a produção do conhecimento cientifico baseado na qualidade e profundidade das discussões relacionadas as publicações relativas a produção de sentidos. O texto convida alguns autores como, por exemplo: Merleau-Ponty – "Fenomenologia da percepção" (1971) e Paulo Freire – "Pedagogia do Oprimido" (2000), além de se debruçar sobre o filme "Hannah Arendt" (2012), para uma análise reflexiva baseada em alguns relatos/fragmentos do filme.

As questões e os problemas humanos atingiram um nível de complexidade elevado e as relações sociais se tornam cada vez mais desafiadoras, observando-se um afunilamento epistemológico progressivo dos temas, pesquisas e áreas do conhecimento. Se por um lado a especialização promove um aprofundamento sobre as questões, por outro, em paralelo, distancia-se dos entremeios dos contextos e realidades que se avizinham no todo/geral.

A vida é constituída por um sistema de relações complexas, entre os agentes/elementos dos grupos e os fenômenos/objetos, por meio da mediação e interrelação constantes.

> Num sistema complexo, cada componente ou agente encontra-se em um meio ambiente produzido por sua própria interação com outros agentes do sistema. Cada componente está, constantemente, agindo e reagindo ao que outros agentes estão fazendo e por causa disso nada em seu meio ambiente é fixo .(Waldrop, 1992, p. 145).

A dinamicidade produzida, no contexto das relações, apresenta características próprias como a transitoriedade e a mudança. O presente texto apresenta como objetivo refletir e discutir sobre os processos de produção de sentidos, relacionados aos corpos hegemonicamente esculpidos e as possibilidades da pessoa humana no desenvolvimento de si mesma. Segundo Bakhtin,

> a nossa própria ideia –seja filosófica, científica, artística–nasce e se forma no processo de interação e de luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar os seus reflexos também nas formas de expressão verbalizada de nosso pensamento. (Bakhtin, 2016, p. 59).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Em função das urgências, associadas as relações sociais e humanas, o artigo discute os processos de produção de sentidos do corpo como *objeto* político hegemonicamente forjado, aprisionado e desumanizado, considerando-o como um tecido das redes plurais, politicamente formatado, de um Estado-Nação. O tema lança-se como um texto seminal para reflexões contemporâneas prementes, baseadas em fatos históricos, estruturado por uma dimensão crítica entre o passado, o futuro e as consciências e responsabilidades corporais baseadas na produção de sentidos. Para tal, apropria-se de um recorte histórico, assentado dialogicamente no filme – "Hannah Arendt" (2012), a partir de fragmentos textuais, narrativas e depoimentos de Arendt e Eichmann ocorridos no filme, durante um julgamento.

O texto não se propõe a apresentar e a discutir sobre performance e a expressão artística, mas incidir luzes sobre os processos de produção do corpo, no contexto de dominação e poder, utilizando o filme "Hannah Arendt", como eixo central.

Sobre o lugar compartilhado

Durante todo o processo diaspórico da humanidade, relacionado a sobrevivência no contexto da condição humana, há um grande desafio que persiste em ensinar à humanidade sobre como gerir seus processos, fundamentados nas experiências plurais, compartilhando tempos e espaços de vida na Terra. A busca requer, considerando o processo de humanização ainda em decurso no seu devir, visto que não está e nem será concluído, uma determinação conjugada de ações que promovam diálogos sobre a vida, precedidos de um reconhecimento sobre a legitimidade da pluralidade humana.

É possível que o reconhecimento dos limites, durante a diáspora humana pelo conhecimento, seja um lugar de desconforto, entretanto, é valioso ratificar que o fato de não conseguir o domínio sobre todas as coisas, não descredencia ou invalida a busca pelo conhecimento e compreensão sobre os fenômenos existentes. Freire, acolhe o ser humano em seus processos e buscas constantes quando diz "*gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser*

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele" (Freire, 2000, p. 59).

O centro da vida é a própria vida, permitida e autorizada para além da compreensão humana sobre o argumento irrevogável constituído no direito de existir. Os problemas identificados exigem uma leitura sem preconceitos referente à descolonização dos sentidos corporais, sociais e políticos, provenientes do modelo incorporado. Portanto, não basta apenas escrever, refletir e discutir, mas despir-se da lógica disseminada e estruturada no egocentrismo dominante, relativa aos pensamentos e comportamentos instituídos. O desafio é aprender a discutir, coletivamente, sobre as questões de afetação mútuas e específicas sem uma alfabetização prévia relativa ao que é ser, efetivamente, um *ser* humano diante de um debate mais amplo sobre a questão.

Como introdução à mesa de conversas elencar temas estruturais e coletivos, em relação aos desafios humanos, poderá promover uma convergência ao diálogo perante os discursos entre os diferentes de uma espécie. Sem dúvida, há desafios emergenciais que precisam ser tratados, já que são consequências das ações equivocadas relativas à gestão sobre o mundo.

Uma das questões a ser tratada se refere aos preconceitos formatados ao longo do tempo sobre as dimensões culturais, sociais e políticas dos diferentes grupos no interior das sociedades que deverão ser debatidas previamente. Outra questão importante, que se apresenta como um desafio, se refere ao uso dos modelos externos e hegemônicos como elementos de supremacia, junto aos corpos sociais.

Retomando a ideia inicial, referente ao corpo em lugares compartilhados, convidar circunstâncias comuns à humanidade certamente é uma estratégia na qual todos os corpos poderão ser representados e tratados de forma coletiva. Dessa forma, é proposto um caminho mais orgânico, embora cada grupo tenha suas especificidades.

É por meio dos movimentos de relação e transformação que o corpo, como elemento/ato político se constitui. O corpo também se revela como uma representação humana segundo Merleau Ponty (1971), revestido por uma potência de ação e transformação sobre a vida, ao mesmo tempo em que o mundo passa a

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

ser entendido como uma consequência dessas relações. Dessa forma, o ser no mundo é produto e produtor, concomitantemente, forjado coletivamente no interior e exterior de suas relações intrínsecas e extrínsecas que se manifestam no mundo. Merleau-Ponty sobre estar no mundo, afirma que:

> Enquanto sou no mundo, ele se manifesta em minhas experiências. Vivo minhas experiências sempre a partir de meu corpo, que é histórico e cuja história carrega os invariantes dessas experiências. Minha experiência é multiperspectival e não se reduz a nenhum momento efetivo. As coisas me oferecem suas faces e eu as percebo de diversos pontos de vista espaciais e temporais, e "seu presente não apaga seu passado, seu futuro não apagará seu presente". (Merleau-Ponty, 1971, 83).

Viver e compartilhar, como parceiros de tempos e de espaços comuns sendo literalmente um corpo no seu devir, nos faz coparticipantes de um mesmo lugar como uma promessa comprometida com o futuro, vivendo em um mundo plural que nos espelha, como diferentes e como iguais, quando a cultura nos diferencia e a natureza nos aproxima nos convergindo como espécie.

Raízes e fragmentações

Retomando algumas reflexões sobre a política no/do corpo a fim de tecer o início deste novo capítulo, levando em consideração a trajetória diaspórica humana, o corpo seguiu uma orientação social e epistemológica baseada na percepção do corpo como um receptor/hospedeiro de valores, lógicas e significados que foram determinados por um modelo hegemônico, institucionalmente disseminado. Entretanto, o corpo que algumas vezes é silenciado e sem espaço de expressão também apresenta um texto que se manifesta por meio de seus gestos, sustentado por sua voz, suas crenças e suas dores, portanto, não é e não poderá ser totalmente emudecido sendo tido como uma potência de manifestação.

A fim de discutir sobre a questão relacionada a dimensão corporal relativa a *ter* um corpo ou *ser* um corpo, observa-se uma visão dicotomizada ainda hoje carregada por uma percepção equivocada e estabelecida pelo modelo hegemônico

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

sobre um corpo fragmentado. A percepção sobre *ter* um corpo pode sugerir uma concepção relacionada à objetificação, baseada a luz do tempo em um sentido de efemeridade em relação a posse, enquanto *ser* um corpo instaura um sentido de apropriação efetiva, representação e identificação. Um dos desafios concernentes a compreensão sobre o que é o corpo se dá pela compreensão positivista, ainda hoje, de uma carne descolada da mente.

Ao longo do tempo o corpo acaba sendo enraizado e estruturado no movimento das lógicas estabelecidas na produção de sentidos, como um dispositivo gerador orientando as ações, enquanto um fenômeno corporal e relacionando-se com a vida como um fenômeno existencial.

Corpo: inquilino de si mesmo

Para tratar sobre as implicações de um corpo pensado e produzido por lógicas sociais e culturais, como apontado por Sócrates, alguns fragmentos do filme Hannah Arendt (2013) são apresentados no texto para considerações e reflexões, visando uma ampliação discursiva sobre as formas de dominação sobre ele. A pauta reflexiva aponta para um corpo mecânico e análogo a uma roda dentada, reduzido a uma determinada funcionalidade e sob o torque/pressão de uma lógica fabril, à serviço de um sistema reprodutor de comportamentos que pode ser representado como uma engrenagem sob o comando de uma determinada ideologia política e de poder.

Em breve relato, o filme transcorre quando Hannah Arendt com seu esposo, Heinrich, chegam aos Estados Unidos na década de 50 refugiados da França de um campo nazista. Hannah Arendt (HA) é convidada, pelo *The New Yorker*, para produzir um relatório sobre o julgamento do nazista Adolf Eichmann (AE) e em seus artigos relata que, pelas informações obtidas durante o julgamento, alguns judeus colaboraram com a morte de seus compatriotas. A informação traz consequências com as quais Arendt se depara, em relação as críticas que recebe, inclusive com a reprovação dos amigos, a partir da divulgação das informações obtidas durante o julgamento.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

No filme Arendt trata sobre a *banalização do mal*, como um processo cada vez mais incorporado e propagado social e politicamente. A julgar que embora o filme aponte questões relacionadas ao holocausto ainda hoje, no séc. XXI, algumas atitudes e alguns comportamentos podem ser identificados como crimes contra a humanidade. Tanto a fome, como as guerras e as disputas pelo poder são assistidas em contextos ditos civilizados, nos quais o direito à existência é infringido pelo desejo de dominação, seja por meio das disputas geopolíticas entre países ou no interior profundo das regiões mais distantes, onde a natureza se consolida como a única testemunha ocular das lutas pelo domínio da propriedade sobre a terra.

Iniciando o processo de reflexão e discussão de forma mais específica no texto, abaixo trechos identificados durante o filme (2012) sobre os relatos de Hannah Arendt (HA) e Adolf Eichmann (AE). O objetivo é apresentar algumas falas durante e sobre o julgamento de AE, visando a promoção de uma tessitura reflexiva e dialógica em relação aos processos de dominação e formatação do corpo no contexto da produção de sentidos, significados, valores e comportamentos.

“Foram as ordens que recebi. Só fiz, obedecer” (AE).

“Eu recebia ordens” (AE).

“Se elas seriam mortas ou não, as ordens tinham que ser executadas” (AE).

Considerando que as leis, no interior das sociedades que as constituem, têm a finalidade de controlar as ações e os comportamento dos indivíduos e, se “no âmbito do Direito, a lei é uma regra tornada obrigatória pela força coercitiva do poder legislativo ou de autoridade legítima, que constitui os direitos e deveres numa comunidade” (Disponível em: https://www.significados.com.br/lei/ - acesso em 19/01/2025), o entendimento será que, à primeira vista, não podem ser questionadas ou discutidas.

Nesse sentido, para ampliar e avançar um pouco mais sobre a questão, as leis carecem de discussões mais amplas sobre as situações e as realidades diferenciadas, já que deverão ser aplicáveis aos diversos contextos de forma efetiva. Conclamar aqueles que estarão sob a égide de ordens, supostamente

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

baseadas nas leis para pensá-las e discuti-las, democraticamente, é indispensável à compreensão e incorporação.

Retornando ao filme, ao ouvir o discurso de um nazista, reduzido a um executor de leis e destituído de uma percepção humana sobre a vida, desperta-se para o que pode significar como uma ameaça e um risco à humanidade, perante a extração de sentidos humanizados, durante os processos de formatação de corpos reduzindo-os somente como peças funcionais no interior de uma estrutura e engrenagem de poder.

"As ordens eram executadas de uma forma administrativa" (AE).

O corpo, meramente como uma peça na engrenagem que permite o funcionamento de uma lógica dominante e hegemonicamente instituída, tem como incumbência executar o que lhe foi determinado. No contexto deste engenho é requerido que funcione e atenda ao que lhe foi determinado pelo conjunto que integra o ordenamento e no qual está submetido. Nesse sentido, o exercício do poder é instaurado *top-down* sobre um corpo que, por vezes, além de executar reverencia e concede anuência às lógicas disseminadas, desprovido de uma reflexão sobre as suas próprias ações. A inação cidadã pode se estabelecer por meio de um reducionismo humano diante de um regime totalitário que dita, conduz e determina a vida.

"Eu só era responsável apenas, por uma *pequena* etapa do processo" (grifo da autora, AE).

A percepção reduzida sobre as consequências, distanciada da percepção de causa/efeito em relação aos resultados, é descolada de um sentido de responsabilização, no que tange as atitudes e comportamentos. Na lógica do sistema fabril é dever de cada peça cumprir a função que lhe é destinada, pois caso não cumpra será automaticamente substituída por outra.

É factível considerar que a percepção do corpo apenas como elemento de domínio e controle, tenha sido fundamentada no pensamento estrutural da idade

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

média, baseada na separação entre a mente e o corpo, e que tal fato ainda reverbere. Entretanto, para além de discussões mais aprofundadas no campo da filosofia e teologia, o fato é que como representação humana, a mente está contida em um corpo físico, emocional, social e político, portanto, uma mente integrada ao corpo. Em relação a concepção e a propriedade do corpo. Pinho ressalta que:

> A experiência humana oferece a profunda certeza da unidade vivida com o corpo e no corpo. [...] É mais exato dizer "sou" o meu corpo, sou corpóreo, do que dizer "tenho" um corpo. Este é vivido humanamente desde dentro como "eu mesmo" (Pinho, 1999, p. 1184).

É plausível afirmar que o corpo inquilino, que funciona somente como uma peça da estrutura maquinal durante a execução da sua função, não se compromete com as consequências da ação, já que é *devoid of thought* e, portanto, não se constituiu como uma pessoa, logo, não representa e, talvez, não seja ninguém.

"Ele não dá medo algum" (HA).

Nesse momento, desempossado de sua função é percebido por HA como um indivíduo menor, destituído de qualquer capacidade de aproximação com a dimensão humana e que já não representa uma ameaça.

É provável que antes, no contexto da estrutura totalitária, AE fosse tido como um indivíduo a ser temido, mas que agora fora do sistema que o sustentava é somente o resto daquilo que fez de si mesmo.

"Um oficial presta juramento de fidelidade à bandeira. Se ele quebra esse juramento, ele não vale nada. Essa é a minha opinião" (AE)

"Eu não os exterminei" (AE).

A estrutura hierárquica produzida pelo modelo totalitário introduz o corpo submisso à aprisionamentos e reproduções estéreis não conseguindo, a estrutura corporal, supor-se fora do sistema que o alimenta e credita-lhe uma identidade.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Desenvolve-se nessa dinâmica, um tipo de senso de pertencimento e identidade dependente, pois fora dessa estrutura, o corpo não é nada, não existe.

"Ele era simplesmente incapaz de pensar" (HA).

Ao recusar-se a pensar, AE, abdica de seu *status* como pessoa, já que o conceito de pessoa está relacionado a capacidade de pensar e agir, como um ser social, sensível e racional.

> Na sua função de encarregado do transporte, ele era normal e medíocre e, no entanto, perfeitamente adaptado a seu trabalho que consistia em "fazer as rodas deslizarem suavemente" [...] Sua função era tornar a "solução final", normal. Com sua vaidade e exibicionismo e seus clichês pretensiosos, ele era, ao mesmo tempo, ridículo e ordinário. Eichmann representava o melhor exemplo de um assassino de massa que era, ao mesmo tempo, um perfeito homem de família. Chamar alguém de monstro não o torna mais culpado, da mesma forma que chamá-lo de besta ou demônio. [...] Afigurava-se como algo totalmente negativo: não se tratava de estupidez, mas de uma curiosa e bastante autêntica incapacidade de pensar". (Souki, 2006, p.88).

Durante o seu julgamento, Eichmann, não apresentou nenhum tipo de discurso que pudesse apontar alguma tentativa de defesa, demonstrando a inexistência de qualquer tipo de pensamento ou arrependimento pelo massacre e aniquilamento dos judeus. Arendt relata que

> quanto mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava que sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de pensar, ou seja, de pensar pelo ponto de vista dos outros. Não era possível nenhuma comunicação com ele, não porque mentia, mas porque se cercava do mais confiável de todos os guarda-costas contra as palavras e a presença de outros, e, portanto, contra a realidade enquanto tal. (Arendt, 2013, p. 62).

A responsabilidade destituída de uma ação reflexiva ou pensamento sobre um determinado comportamento, atrela-se somente ao cumprimento de uma ordem e não às consequências do ato em si. Nesse lugar há um reducionismo do ser humano, como um elemento supérfluo e substituível, pelo sistema que suga a capacidade de criação de sentidos sobre a vida e do qual a estrutura instituída se nutre pela manutenção no poder. Naquele momento, frente a realidade que lhe cobra, o corpo derruído é esvaziado do comando que o ocupou e não cabe mais

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

no mundo, vivendo a consequência de um corpo alienado e refém de um tempo e um espaço passados, os quais aprisionaram a sua existência.

Que argumentos podem justificar um indivíduo que renuncia a si, como pessoa, para ser uma extensão do outro ou de alguma coisa? Sem dúvida, essa questão certamente indicará as implicações relacionadas a diversidade, complexidade e subjetividades humanas. No interior dessa questão o bem e o mal podem ser compreendidos como variáveis relativizadas, a partir dos fenômenos e agentes que atuam sobre eles.

Que implicações sociais e políticas um corpo que abdica do direito de apropriação de si mesmo, acoplando-se às ideologias simbióticas poderá produzir, por meio do exercício de *apagamento* de outros corpos?

Sentidos, significados e subjetividades

Segundo Scoz, o desafio, na criação de sentidos, está em

> lidar com a complexidade contida na produção de sentidos e na construção da subjetividade [...]. Não se trata de uma tarefa fácil, pois, [...] a produção de sentidos implica uma dimensão de complexidade na qual estão em jogo configurações de sentidos produzidos nas trajetórias de vida dos sujeitos (Scoz, 2007, p.133).

Os conceitos relativos ao significado e ao sentido são relevantes à psicologia social, relacionados às sociedades e suas experiências, havendo a necessidade de um discernimento entre sentido e significado. O conceito de significado está relacionado às crenças coletivas, envolvidas por uma tradição transmitida longo do tempo de geração em geração, alicerçado socio-historicamente por uma determinada sociedade e estruturado nas experiências cotidianas dos grupos. Em relação ao sentido, Vygotsky afirma que:

> O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa, que tem várias zonas que variam na sua estabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquiri no contexto da fala. Ele é mais estável, unificado e preciso dessas zonas. Em contextos diferentes, o sentido da palavra muda. (Vygotsky, 1987, p. 275-276).

O sentido por ter um tempo mais curto, quando comparado ao significado, apresenta um tipo de movimento e dinamicidade mais céleres, em relação a sua

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

reestruturação, a partir dos estágios de afetação do sujeito em relação aos fenômenos e experiencias vividas.

No contexto da produção do sentido, relacionado ao fenômeno como elemento de relação, é diretamente afetado e modulado por dimensões biopsicossociais, subjetivas e contextuais de cada sujeito.

Sendo assim, o processo de produção e ressignificação de sentidos por cada indivíduo/sujeito no mundo é cercado por um tipo de membrana permeável estruturada, pessoal e socialmente, realizando trocas constantes entre a estrutura humana e as diferentes realidades. Segundo Orlandi, não há sentido sem a interpretação de situações, contextos e do mundo. O autor aponta que:

> Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. (Orlandi, 2005, p. 45-46).

Já o significado é uma variável de mudança mais lenta, em função da dinâmica que envolve a sua estrutura, constituída, segundo Spink (2004), por um discurso de domínio considerado como de *tempo longo*.

De acordo com Aguiar et al., 2009, os significados sociais são transformados em sentidos após um processo de internalização, diante de um contexto histórico e social, de forma permanente, baseados em um processo dialético a subjetivo. É justamente durante o processo de transformação que cada sujeito social e cultural, com suas subjetividades, dialoga interferindo na criação de sentidos próprios e significados coletivos. Há, portanto, uma relação entre os sentidos e significados. Sentido e significado, segundo Aguiar et al. (2009, p. 60):

> [...] cumprem o papel de dar visibilidade a uma determinada e importante zona do real, ou seja, como construções intelectivas abstratas que são, carregam a materialidade e as contradições presentes no real, condensando aspectos dessa realidade e, assim, destacando-os e revelando-os.

Leontiev (2004), aponta que nas sociedades e relações entre seres humanos as significações são estruturadas, sendo internalizadas e processadas com a atribuição de sentidos, por meio das experiências que variam conforme o

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

contexto. Dessa forma, a produção se sentido decorre após a relação com os fenômenos que podem acontecer de diversas formas, baseada na significação produzida pelo sujeito durante o processo de produção de sentidos e significados.

Portanto, o contexto e as experiencia têm ações fundamentais à criação de sentidos, levando em consideração a complexidade e subjetividade dos sujeitos, quando se trata das construções sociais e os processos relacionais. Os sentidos, ao longo do tempo são reestruturados pelo sujeito modificando, reconstruindo e desconstruindo como experiência.

Alguns autores, como Bock (2009), apontam que a produção de sentidos ocorre baseada em experiencias afetivas complexas e dinâmicas de reorganização, relacionadas as maneiras de pensar e sentir.

É importante ressaltar que a cultura também está implicada diretamente no processamento de sentidos e significados coexistindo, concomitantemente, no corpo individual e coletivo das sociedades, como elemento ativo, na disseminação de pensamentos e modelos politicamente instituídos.

Considerações Dialógicas

A frase de Hannah Arendt “apenas cumpria ordens”, relativa ao depoimento de Eichmann, denota a percepção de Arendt de que as atrocidades cometidas, durante o regime, eram consideradas como algo banal pelos nazistas.

Seguindo a mesma lógica, segundo Arendt (2013), havia um sistema ciclópico/gigantesco que usava recursos do governo e Eichmann atuava como parte integrante e ativa nessa engrenagem nazista. Arendt tinha a clareza de que Eichmann sabia o que estava fazendo, ou seja, a autora não o considerava como alguém inocente, já que Eichmann “foi avaliado por pelo menos seis psiquiatras que atestaram sua dita “normalidade”, segundo AH (Arendt, 2013, p.37).

Em relação a Eichmann, Ferraz afirma que ele “sabia bem o que fazia, o que o caracterizava era um vazio de pensamento que não quer dizer tolo, mas que o tornou o grande criminoso que acabou sendo” (Ferraz, 1983, p. 09). A expressão “vazio de pensamento” pode ser substituída por “ausência de pensamento/reflexão”, em relação ao comportamento incorporado por EA.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Utilizando a expressão “vazio de pensamento”, apresentada no parágrafo anterior, é possível refletir e discutir sobre a formatação/treinamento de corpos e mentes e sobre como as forjas, políticas e sociais, moldam os sentidos produzidos pelos sujeitos como estruturas que alimentam e retroalimentam todo o sistema vigente. Certamente, o “vazio de pensamento” estava ocupado por esquemas metais editados pelo sistema nazista e direcionados à execução mecânica, visando o cumprimento de ordens e obediência ao sistema. A obediência *“*sem penso*”,* incorporada por Eichmann, consistia na execução do que a missão exigia, como um ato requerido por uma determinada função e que, de acordo com Grespan, “pode se tornar somente um assunto administrativo nas estruturas da burocracia que domina o fazer moderno” (2013, p. 155).

O julgamento de Eichmann serve como referência para compreensão sobre como as subjetividades e os sentidos, podem ser formatados e modelados cultural e socialmente tomando uma proporção, por vezes, imaginável e como a dimensão crítica dos sujeitos pode ser efetivamente diluída. Compreender sobre os mecanismos que edificam e consolidam as estruturas de poder, sejam eles quais forem, serve de alerta em relação as lógicas estabelecidas pelo capital em mundo globalizado onde as subjetividades e comportamentos são produzidos, segundo o sistema que opera e sustenta as organizações sócio-políticas estabelecidas.

Considerar o corpo como uma forma de manifestação política é localizar a estrutura mais elementar na qual é tecida as redes culturais e sociais, no desenho político, de um Estado-nação. As dinâmicas sociais e políticas ocorrem por meio de processos de afetação, incorporação e produção de sentidos para que só então, posteriormente, ocorra a produção de valores, atitudes e comportamentos, como consequências. Nesse tecido de relações a experiencia pessoal é considerada como uma das principais variáveis à produção de sentidos baseada no incorporado, entretanto, não é um fator determinante e isolado dos processos sociais, visto que cada pessoa/corpo interfere social e politicamente de forma diversa com sua percepção, interpretação e leitura de mundo.

Pensar e reduzir o corpo como uma estrutura da qual se tem a posse é considerá-lo como um objeto ou instrumento instituído por uma relação de subordinação. Entre tantos avanços, a Inteligência Artificial (IA) está sendo

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

treinada para aprender sobre as representações simbólicas do mundo, aprendendo a manipular os símbolos e as regras relacionadas ao comportamento humano. Nesse lugar o corpo é *negociado* como elemento ativo, conferindo suporte às lógicas estabelecidas pelos sistemas e pelo capital.

Segundo Sartre (1960), aquilo que é socialmente estruturado e difundido alimenta e retroalimenta o próprio sistema, a fim de se perpetuar e, da mesma forma, qualquer movimento de mudança terá o desafio de resistir ao estabelecido, reorganizando a estrutura e apontando para novas possibilidades.

Conclusão em Processo

Os relatos de Arendt, sobre o julgamento, indicam a responsabilidade do sujeito sobre as consequências provenientes de suas ações, pois caso seja exigido a executá-las “,porque cumpre ordens em um sistema que exige obediência, então que se recuse a apoiar ditaduras e não assuma responsabilidades e compromissos em apoio a uma ditadura” (Arendt, 2004, p. 110).

O posicionamento apresentado por Arendt corrobora com a orientação de que toda ação seja previamente considerada e analisada “*com penso*”, ou seja, baseada em uma reflexão e pensamentos críticos e avaliativos.

Quando Orlandi ressalta que “não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar [...]” (2005, p. 45-46), é possível inferir que independentemente do estado de consciência do sujeito, sobre o fenômeno observado ou vivido, uma vez que o sentido é produzido e incorporado à estrutura interpretativa ou por meio de uma experiência passa de alguma forma a caracterizar, representar e a constituir o próprio sujeito.

A produção de sentidos pelo corpo é um lugar gestado nas experiências corporais com o mundo produzindo os valores, as atitudes e, por fim os comportamentos. Discutir um corpo-proprietário de si mesmo é um diálogo que pode favorecer a promoção e o desenvolvimento de um corpo-cidadão.

Discutir sobre como os processos qualificam e desqualificam a condição humana é urgente e não significa a extração de identidades e muito menos a uniformização de grupos e de diferentes culturas, mas a tessitura coletiva de uma

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

rede com implicações mútuas, na estruturação de uma sociedade democraticamente produzida.

O artigo instiga, por meio dos movimentos textuais, uma imersão crítica em relação às dimensões subjetivas e objetivas do ser humano. O corpo, no contexto apresentado é discutido e compreendido como produto e produtor de pautas e cenários pessoais, políticos e sociais forjados nas afetações e na produção de sentidos. Durante e após os processos de afetação, ocorridos durante as relações de interação chamada por Espinosa (2015, III, def 3) de afecções, as experiências com os fenômenos mobilizam a potência corporal aumentando-a ou diminuindo-a, como variável propulsora ou inibidora de comportamentos. O tema relacionado a produção de sentidos, como um processo inicial, aponta para a gênese de valores, atitudes e comportamentos que deve ser investigado, em razão dos desafios e das *fragmentações* humanas atuais.

Os discursos relacionados a tecnologia apontam que a máquina está a serviço da humanidade, entretanto, baseados nos textos discutidos verifica-se que, de algum modo, o corpo também pode assumir uma funcionalidade maquinal no interior de uma engrenagem distanciada do sentido de humanidade, executando categoricamente o que lhe foi determinado. Nesse cenário, pode ser sugerida como reflexão final, a seguinte questão:

- Será que baseado em um passado, historicamente considerado, sobre a existência de corpos humanos que exerceram a morte, poderá no futuro existirem corpos mecânicos, mais *humanos*, exercendo a vida?

Referências:

ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARENDT, Hannah. Direção: Margarethe von Trotta. Países de Origem: Alemanha, Luxemburgo e França. Gênero: **Biografia** - Drama, 2012 (60’ 53”) – Filme completo legendado em português - Legendas: Luís Filipe Bernardes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3FFhh0Ce59g Acesso:19 jan. 2025.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira et al. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, Ana Mercês B.; GONÇALVES, Maria da Graça M. (Orgs.). **A dimensão subjetiva da realidade:** uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. Notas da edição russa: Serguei Botcharov. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2016.

BOCK, Ana Mercês; GONÇALVES, Maria da Graça (org.). **A dimensão subjetiva da realidade***:* uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.

ESPINOSA, Baruch. **Ética.** Trad. Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chauí. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FERRAZ, Júnior, Tércio Sampaio. Apresentação da edição nacional publicada em 1983. In: ____. **Eichmann em Jerusalém um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1983, p. 09.

GRESPAN, Jorge. Hannah Arendt e a banalidade do mal. In: BADER, Wolfgang; JORGE, Almeida de. (Org.). **O pensamento alemão no século XX**. Vol. I. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. *São* Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. de Reginaldo de Pietro. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. Campinas – SP: Pontes, 2005.

PINHO, Inocêncio. Homem. **Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia**. Lisboa/ São Paulo: Editorial Verbo, 1999. p. 1182 -1191. v. 2.

SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la raison dialectique.** Paris: Gallimard, 1960.
SCOZ, Beatriz. Produção de sentidos, ensino e aprendizagem. **Revista Psicopedagogia** 2007; 24(74): 126-3.

SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VYGOTSKY, Liev Semiónovitch**. A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MEDINA, Alice Maria Corrêa. PRODUÇÃO DE SENTIDOS: A DILUIÇÃO DA HUMANIDADE E POLÍTICAS INCORPORADAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-19, setembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

WALDROP, Mitchell M. **Complexity**: The emerging science at the edge of order and chaos. Simon and Schuster, 1992.

Recebido em: 08/08/2025.
Aceito em: 23/01/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Alice Maria Corrêa Medina
Professora da Universidade de Brasília (UnB) - Docente da Faculdade de Educação Física da UnB - Áreas de atuação/Temas de estudos e pesquisas: Educação, Educação Infantil, Corpo, Cultura, Corporeidade, Arte e Expressão, Produção de Sentidos e Educação Ambiental. Pós-doutorado em Educação - Universidade de Barcelona – Espanha; Pós-doutorado em Educação - Universidade de Brasília – Brasil; Pós-doutorado em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9647-7951
E-mail: licinhamedina@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

MEDINA, Alice Maria Corrêa. PRODUÇÃO DE SENTIDOS: A DILUIÇÃO DA HUMANIDADE E POLÍTICAS INCORPORADAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-19, setembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br